

A misericórdia de Deus

Uma meditação inesgotável

O Curso para Superiores deste ano jubilar, tem por tema a misericórdia de Deus, a luz do último instrumento das boas obras, no capítulo 4 da Regra de São Bento: "Nunca desesperar da misericórdia de Deus" (RB 4,74) .

A misericórdia de Deus é um tema que não esgotaremos nunca, porque a misericórdia de Deus é infinita e eterna. Passaremos a eternidade a contemplar a misericórdia de Deus, e agradecer a Deus por esta, porque somente por misericórdia, Deus nos criou, e somente por misericórdia nos criou para a eternidade, para estar eternamente com Ele, n'Ele. Deus é amor, Deus é caridade. Mas para nós criaturas, a experiência do amor de Deus, isto é, daquilo que Deus é em si mesmo, é experiência da misericórdia, ou seja, experiência do fato que Deus ama os pobres, ama os pecadores, ama quem não é digno do seu amor, ama quem não O ama. Também no Paraíso não podemos contemplar e glorificar o amor de Deus, a não ser como misericórdia. A misericórdia é o amor de Deus contemplado com os nossos olhos, com os nossos corações, isto é, se pode-se dizer assim, do nosso ponto de vista. Porque também no céu seremos nós mesmos; estaremos em Deus, mesmo fora d'Ele, em uma relação pessoal com Ele, como o expressa no livro de Jó: "Por detrás de minha pele, que envolverá isso, na minha própria carne, verei Deus. Eu mesmo o contemplarei, meus olhos o verão, e não os olhos de outro." (Jó 19,26-27)

Por isso, creio que devemos iniciar o trabalho destes dias, com uma postura contemplativa, olhando Deus, contemplando a sua misericórdia. Não devemos tanto entender o que é a misericórdia de Deus, raciocinar sobre isto, mas queremos olhá-la, contemplá-la e, então, entenderemos, ou melhor, permitiremos de revelar-se, de mostrar-se, e veremos que é uma luz que "ilumina os olhos" (cfr. Sl 19,9), que nos consente ver melhor, entender melhor a realidade, a realidade que vivemos, e a realidade que devemos desejar, perder.

A misericórdia de Deus é uma luz que ilumina tudo, toda a realidade, absolutamente tudo, no bem e no mal. Não entendemos, por exemplo, como o mal, o sofrimento dos inocentes, podem conciliar-se com um Deus que é amor. Mas é como se a misericórdia fosse uma luz que ilumina também as sombras, também a escuridão. Mas a misericórdia de Deus ilumina a realidade se permanece acesa. Muitas vezes, procuramos luz na meditação, na Palavra de Deus, na oração. Mas o fazemos como quando procuramos carregar a bateria de uma pilha. Uma vez carregada, tiramos da tomada e a pilha faz sua própria luz. Pretendemos que a luz que recebemos de Deus torne-se a nossa luz, torne-se capacidade de auto iluminar a nossa realidade. E assim, recaímos, novamente, na escuridão, e nos queixamos com Deus que não nos dá luz suficiente.

Deus, ao invés, é a luz de uma presença. A sua Palavra é luz no ato de falar-nos, quando ouvimos agora Dele. E a sua misericórdia é a luz do seu amor, que ilumina agora a realidade, e que devemos olhar agora, como luz de Deus sobre a realidade que vivemos. A luz de Deus sobre toda a realidade, é o seu olhar que ama e aprecia cada criatura, mesmo e sobretudo, a mais miserável.

Portanto, o problema não é possuir a luz, mas de olhar Deus, de permanecer com os olhos fixos Nele, para contemplar, agora e cada momento, a sua misericórdia eterna. Em Cristo, Deus se fez visível (cfr. Jo 1,18), para que possamos olhá-Lo, e é olhando Jesus, que temos a luz da misericórdia para entender a realidade, qualquer que seja, e ter com todos e com tudo, um relacionamento correto, verdadeiro, como Deus quer.

Contemplar para mostrar

O método da revelação de Jesus com relação à misericórdia de Deus, nunca é um discurso conceitual, mas a transmissão de uma imagem, de uma cena para ver. O Evangelho, mesmo nas partes onde o se define "sermão", como o "Sermão da Montanha" no Evangelho de Mateus, é praticamente sempre parabólico, é sempre a transmissão de uma imagem para ver e, da qual, deduzir também a teoria, teologia, moral e a lei. Para explicar a providência do Pai, Jesus diz: "Olhai para as aves do céu...Olhai para os lírios do campo..." (Mt 6,26-28).

E daquilo que se vê no modo de agir e de ser de Deus, Jesus ensina-nos a compreender como podemos e devemos viver, de modo que também a nossa vida possa transmitir uma imagem de Deus, uma possibilidade de ver a Deus, e, portanto, uma possibilidade de permitir a ser a imagem de Deus, em ação. O homem é criado à imagem e semelhança de Deus, e a santidade consiste no refletir em nós aquilo que Deus é, no transmitir aos outros, a imagem de Deus que cada homem deve far-se, até a perfeição. E a perfeição é a misericórdia: "Sede perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito" (Mt 5,48). "Sede misericordiosos, como vosso Pai é misericordioso" (Lc 6,36).

Jesus, dizia, fala com imagens. Encarnando-se, Ele mesmo é a Palavra, o Verbo, feito Imagem, feito Ícone. É como na arte teatral, onde um texto, uma palavra, torna-se imagem, se representa. Isto não retira a palavra, mas a palavra se transmite através da imagem, da cena. É interessante, então, ler atentamente, o capítulo 15 de São Lucas, aquele das três parábolas da misericórdia: a ovelha perdida, a moeda perdida, o filho pródigo. Mas é necessário ler atentamente também a introdução destas três parábolas, o contexto em que foram pronunciadas, e a razão, a qual, Jesus as expressou: "Aproximavam-se de Jesus os publicanos e os pecadores para ouvi-lo. Os fariseus e os escribas murmuravam: Este homem recebe e come com pessoas de má vida! Então lhes propôs a seguinte parábola: Quem de vós que, tendo cem ovelhas e perdendo uma delas..." (Lc 15,1-4)

Notamos que tudo parte de uma imagem real, de uma cena real: Jesus abordado por todos os pecadores e que fala com eles. Não nos foi relatado o discurso que Jesus fez à eles, mas a imagem Dele que fala, e dos pecadores que se aproximam e O ouvem atentamente. E os fariseus nos ajudam a descrever a imagem que se vê: "Este acolhe os pecadores e come com eles". Isto significa que todos viam o Verbo de Deus em relação

com publicanos e pecadores, em relação de transmissão de Si, porque aqui o Verbo fala e é ouvido, está em relação de comunhão, de amizade, de acolhimento, até compartilhar o convívio da refeição, da mesa e da casa.

Tudo isto é uma imagem, um ícone, uma cena para ver, ouvir. "A vida se manifestou, – escreve São João em sua primeira carta – nós a vimos e disto damos testemunho" (1 Jo 1,2).

Os escribas e fariseus contestam esta imagem, a creem feia e inconveniente. São como os críticos de uma obra de arte, de um filme, que dão um juízo negativo e, com este, querem desqualificar a beleza e a verdade da imagem, da cena, e portanto, querem que se interrompa a transmissão. Todas as obras de Vivaldi foram esquecidas por quase dois séculos, isto é, cessaram de ser transmitidas, de transmitir-se visível e acusticamente, até quando foram redescobertas em um arquivo. Uma obra de arte, se não se transmite, não vive. Pode ressuscitar, mas enquanto não for transmitida, não vive.

Os escribas e fariseus, do tempo de Jesus e de todos os tempos, têm feito de tudo para interromper a transmissão da imagem de Cristo, ou simplesmente a deturparam, turbaram, distorceram, como fazem os regimes totalitários com imagens televisivas dos países livres. Transmissão significa tradição. A tradição é a imagem de Cristo, que se transmite de forma viva, e a Igreja tem esse dever essencial de transmitir sempre, e sempre mais, a imagem viva de Jesus que revela o Pai. Por isso, a Igreja é fiel quando é fiel ao Evangelho, isto é, à imagem originária de Jesus, que sempre se reproduz, como no primeiro anúncio.

Sublinho isto, porque quando nos interrogamos sobre a misericórdia vivida por nós e nas nossas comunidades, é importante que sejamos conscientes que aquilo que está em jogo, é também a maneira de transmitir a imagem viva de Cristo, de Cristo como aparece no Evangelho, e na Igreja que o anuncia. O Evangelho não deve permanecer alguns séculos nos arquivos, mas deve sempre ser transmitido de forma viva, e esta é a nossa responsabilidade, de batizados, religiosos e superiores. Os períodos de maiores crises da Igreja são aqueles onde o Evangelho foi "arquivado".

Portanto, aqui Jesus é visto no ato de acolher os pecadores e comer com eles. É já um ícone da misericórdia de Deus, mas os escribas e os fariseus não a reconhecem como tal. Para eles, Deus, se é Deus, não está com os pecadores. Deus para eles, está apenas com os puros, perfeitos, observantes.

Como responde Jesus a esta rejeição de ver a misericórdia de Deus n'Ele? Continua a mostrar, mostrar mais, aumenta a transmissão da própria imagem, coloca mais luz, coloca ainda mais em relevo aquilo que a sua pessoa e sua palavra, estão mostrando. Não se justifica, mas mostra mais. Por isso não faz um discurso, mas conta histórias, cenas para ver, para imaginar.

Então, se enquanto superiores de comunidade nos interrogamos sobre a misericórdia de Deus, não devemos nos preocupar tanto em compreender, mas de *olhar* aquilo que Jesus nos mostra, para transmitir a sua própria imagem do Pai, a imagem do Pai que Ele é, quando acolhe os publicanos e pecadores.

É visto que somos chamados a ser pastores, concentrêmo-nos, então, na primeira das três parábolas da misericórdia: aquela da ovelha perdida, em Lucas 15,4-7.

Modelos de vida, não legisladores

Mas para ativar em nós, a devida atenção, com a qual, devemos meditá-la, vos leio um apoftégma do Pai Poemen que parece extremamente atual, em todas as culturas em que somos chamados a ser pastores:

"Um irmão perguntou ao pai Poemen: 'Os irmãos que vivem comigo, querem que dê ordens à eles?'. Não, lhe diz o ancião, faz tu o teu trabalho, em primeiro lugar; e se quiserem viver, pensarão em si mesmos'. O irmão lhe diz: 'Mas são justamente eles, pai, a querer que lhes dê ordens'. Diz-lhe o ancião: 'Não! Torna-te para eles um modelo, não um legislador'." (Série alfabética, Poemen 174 [Guy 188]).

Este apoftégma parece-me muito importante, também, por como devemos viver estes dias. Quando soube que um dos palestrantes previsto não poderia vir, fiquei um pouco desanimado, porque me disse que o programa se empobreceria e que arriscava decepcionar as vossas expectativas. Depois, porém, percebi que esta, ao invés, é uma oportunidade para trabalharmos mais, para procurar-nos mais a nós e entre nós, para ajudar-nos mais uns aos outros, como deveríamos fazer sempre, se a Ordem for realmente uma grande família de irmãos e irmãs. Não precisamos de aulas para sermos bons legisladores, para dar as boas leis, ordens boas, às nossas comunidades, ou para conhecer o melhor método de governo, ou ter o melhor programa de condução do rebanho. Estamos aqui para olhar, juntos, Cristo, que nos revela a misericórdia de Deus na figura do Bom Pastor, porque a olhando à Ele, tomando-O como nosso modelo de vida, podemos viver o mesmo dom da vida como Ele, n'Ele, e assim ser, para nossos irmãos e irmãs modelos de vida, imagens do amor de Cristo por eles, que ajude, também eles, a transmitir aos outros a imagem viva de Cristo. E tudo isto para Jesus, como para São Bento, concentra-se na misericórdia, no transmitir a misericórdia do Pai, no acolher por nós e transmitir aos outros a misericórdia de Deus que Jesus nos mostra, nos demonstra, nos transmite. No fundo, o mais importante para nós, é nos ajudar a aprofundar e viver à luz da misericórdia o que significa aquilo que São Bento diz, antes de tudo, para o abade: "*Christi enim agere vices in monasterio creditur* - acredita-se, de fato, que no mosteiro faça as vezes de Cristo" (RB 2,2). O que significa isto para nós? Como devemos ter esta fé (*creditur*: acredita-se) e vivê-la em nossa comunidade?

Transmitir uma lei é fácil. Pode-se fazer, também se a lei permanece fechada dois séculos nos arquivos. Mas transmitir uma vida não é uma tradição de arquivos, mas de lugares de vida, uma tradição de comunidade, de vida comum que se regenera, como se regenera uma família. E nesta transmissão, o nosso papel de superiores é fundamental, e o é precisamente porque somos pastores, enquanto somos chamados a ser pastores.

Fundamental também, é a ajuda que podemos dar entre nós e entre as diversas comunidades. Se esquecemos uma lei, basta reencontrar o texto que nos lembra. Quando, ao invés, perdemos a transmissão de uma vida, quando perdemos a transmissão da imagem viva de Cristo, então devemos procurá-la e reencontrá-la onde a transmissão da vida, a tradição do Evangelho, ainda estão vivos e se vivem. No passado, procurava-se conservar o fogo da Vigília Pascal, durante todo o ano, no candeeiro do santuário. Quando o candeeiro se apagava, sem ter transmitido a chama para um candeeiro

sucessivo, ia-se reacender a chama em outra igreja que a conservava acesa. Eis que, também entre nós, devemos nos ajudar assim, ajudar-nos uns aos outros para continuar a transmissão de nosso carisma, com a humildade de pedir uns aos outros ajuda, de reconhecer que certas pessoas e comunidades têm uma chama mais ardente que a nossa, e que podemos comunicá-la, uns com os outros, para que toda a Ordem transmita fielmente a vida de Cristo, a imagem evangélica de Jesus, como a transmitiu São Bento e nossos santos cistercienses.

A boa formação para um superior, como para cada formador, é, portanto, aquela que nos permite viver, nós mesmos, uma experiência. E se a experiência for verdadeira e profunda, se transmitirá sozinha com o testemunho de nossa vida. Como diz Poemen àquele irmão apenas nomeado superior: "Faz tu o teu trabalho, em primeiro lugar; e se quiserem viver, pensarão em si mesmos". Isto é, se fizer-vos a experiência de uma vida monástica intensa, bonita, humilde, fiel, generosa, os irmãos que querem viver intensamente, vão pensar por si mesmos a segui-lo, olhá-lo, e viver como vós.

É verdade que, muitas vezes, talvez mais hoje que algumas décadas atrás, os jovens pedem "ordens", regras determinadas, que lhes digam com precisão o que fazer e o que não fazer. Porque, muitas vezes, os jovens de hoje não tiveram modelos de vida nos pais, professores, e talvez nem mesmo nos párocos. Cresceram sem estruturas, sem defesas, sem modelos claros diante dos olhos. Então, são inseguros, e pensam que a inquietação de seus corações e o drama da vida humana, podem ser resolvidos com regras precisas, com as leis.

Também falar de "modelos" hoje é complicado, porque para os jovens de hoje o "modelo" a ser imitado é sempre alguém que todos admiram, todos sonham imitar, todos invejam, mas apenas pela imagem que dá, não por aquilo que vive realmente. Torna-se modelos por aquilo que se *há*, não por aquilo que se *é*. Admiram-se os modelos como os pagãos admiravam as divindades do Olimpo: com a consciência que, na realidade, nunca serão como eles, e que, portanto, a nossa vida não é bonita, não é de sorte. Por isso tantos querem acreditar na reencarnação, esperando que da próxima vez, tenham um destino mais feliz.

Devemos levar em consideração esta cultura, fundamentalmente hedonista, para entender o quão importante é ser verdadeiros modelos de vida, de vida real, de felicidade possível, de experiência de plenitude possível em Cristo.

Penso a como São Pedro apresenta esta exigência aos anciãos da Igreja: "Eis a exortação que dirijo aos anciãos que estão entre vós; porque sou ancião como eles, fui testemunha dos sofrimentos de Cristo e serei participante com eles daquela glória que se há de manifestar. Velaí sobre o rebanho de Deus, que vos é confiado. Tende cuidado dele, não constringidos, mas espontaneamente; não por amor de interesse sórdido, mas de boa vontade; não como dominadores do povo que vos foi confiado, mas como modelos do vosso rebanho" (1 Pd 5,1-3).

Também Pedro, não se sente pastor pelas qualidades que tem, mas por ter contemplado os sofrimentos de Cristo, por ter visto como Jesus é bom Pastor, que dá a vida. Por isso, os anciãos da comunidade não devem viver sua responsabilidade como um peso, um dever, como se eles, por primeiro, tivessem recebido ordens a serem seguidas, regras a

serem aplicadas. Não! Somos "anciãos", somos pastores, porque Jesus Cristo se manifestou assim, se mostrou como a imagem perfeita da misericórdia do Pai, como o bom e belo Pastor que dá a vida. Jesus é um modelo fascinante, que atrai, mas que não é um sonho inalcançável. Cristo nos mostra, em si mesmo, a vida que podemos viver, a experiência que podemos fazer, com a sua graça. É olhando o Bom Pastor que podemos ser pastores "de boa vontade", não por dever. Pastores gratos disto, gratos de poder doar assim a vida, como Cristo, gratuitamente, com uma caridade que não busca o próprio interesse. E no final, São Pedro contrasta o ser "modelos do rebanho" de ser "dominadores do povo que vos foi confiado". Exatamente: o dominador "dá ordens", como vimos no apoftégma. O bom pastor, ao invés, é um modelo. Não dá ordens, mas vive uma vida, uma misericórdia, um dom de si, que são modelos de vida que se transmitem aos irmãos e irmãs, e portanto, os transforma em profundidade e lhes fazem viver. O patrão com suas ordens "faz fazer". O bom pastor, com seu exemplo, "faz viver", isto é, gera outros à uma vida plena.

É no exercício da autoridade que somos ou não somos modelos. Por quê? Precisamente porque o modelo por excelência da vida cristã é o Cristo Bom Pastor, que dá a vida pelas ovelhas. O oposto é o mercenário "que não se importa com as ovelhas" (Jo 10,13), mas pensa somente no pagamento que recebe sendo o guardião das ovelhas. O bom Pastor não dá ordens às ovelhas, mas as guia, chama, conduz, apascenta, leva ao bom pasto, às fontes de água viva...

A figura do bom Pastor é a imagem, na qual, Jesus expressou si mesmo, na qual, Jesus deu-se como uma imagem viva para imitar. Mas o bom Pastor não é apenas uma imagem: é uma presença, experiência, relação de Cristo conosco e nossa com Cristo. Jesus não se revela como bom Pastor, somente para nos ensinar a governar, mas sobretudo, para que nos deixemos ser amados por Ele, guiados por Ele, curados por Ele, nós por primeiro. Jesus não é somente o modelo de bom Pastor a ser imitado, mas é o bom Pastor que nos apascenta, isto é, nós, em primeiro lugar, somos ovelhas, somos cordeiros, ou talvez cabras, e somente nos deixando apascentar por Cristo, podemos nos tornar pastores, como Ele.

Isto significa que o nosso ser pastores, não nos deve impedir de viver a amizade com Cristo vivo, como muitas vezes acontece com tantos superiores, que se esgotam espiritualmente exercendo seu ministério. Porque o nosso ministério nos foi dado, como oportunidade para estar mais apegados ao modelo do Bom Pastor, por excelência.

Mística pastoral

Lembro-me de um outro apoftégma, sempre de Poemen. "Se Moisés não tivesse levado os rebanhos em Mandra, não teria visto Aquele que estava na sarça" (Poemen 195 [Guy 186]).

O ministério pastoral não é apenas uma função, não é apenas um serviço. Este nos permite ter uma relação privilegiada com o Senhor, para poder transmitir aos nossos irmãos e irmãs um amor de predileção para com cada um. É o mistério do último encontro entre Jesus ressuscitado e Pedro, na margem do lago: "Me amas mais do que estes? – Apascenta as minhas ovelhas!" (cfr. Jo 21,15-17). Se devemos fazer as vezes de Cristo, representar Cristo, não é uma substituição a Ele, mas para representar, isto é,

tornar visível, o Bom Pastor que está sempre presente, que está sempre conosco. Mais estamos unidos a Ele no amor, e melhor o representaremos aos nossos irmãos e irmãs.

Mas este apoftegma nos sugere que quem exerce o ministério pastoral, é chamado a encontrar o Senhor também através dele. Muitas vezes, os superiores têm a impressão de que a sua responsabilidade lhes distraia de uma relação profunda com Deus, que lhes distraia da oração, da espiritualidade monástica, de uma *lectio divina* gratuita, da tranquilidade de poder estar, em silêncio, diante de Deus, sem grandes preocupações. Certamente isto também é verdadeiro. Mas Poemen parece sugerir que é justamente através da solicitude para com o rebanho, através da dedicação ao rebanho, que Deus nos concede viver um encontro místico com Ele, no deserto. Há uma "mística pastoral", um encontro e uma relação com o mistério de Deus, que nos são concedidos ao apascentar o rebanho. Há uma "sarça ardente" que encontramos porque conduzimos o rebanho para o pasto, porque buscamos o bem do rebanho, o bom pasto para o rebanho, a água para o rebanho. Porque a sarça ardente, onde Deus se manifesta a Moisés, é a primeira revelação de Deus como Caridade, como o Amor que arde sem consumir, sem destruir. A sarça ardente é o símbolo da mística da caridade, de Deus-Caridade. E em seu tornar-se visível, é o símbolo da caridade de Deus como Misericórdia. De fato, na sarça ardente, Deus não diz a Moisés que agora pode ser um eremita, mas que Ele tem compaixão do povo; e da sarça ardente, Deus confia à Moisés um rebanho muito maior que aquele de Jetro: todo o povo de Israel para ser libertado, conduzido, apascentado por 40 anos.

"O Senhor disse: 'Eu vi, eu vi a aflição de meu povo que está no Egito, e ouvi os seus clamores por causa de seus opressores. Sim, eu conheço seus sofrimentos. E descí para livrá-lo da mão dos egípcios e para fazê-lo subir do Egito para uma terra fértil e espaçosa, uma terra que mana leite e mel (...). Agora, eis que os clamores dos israelitas chegaram até mim, e vi a opressão que lhes fazem os egípcios. Vai, eu te envio ao faraó para tirar do Egito os israelitas, meu povo'."(Ex 3,7-10)

A vida pastoral nos deve conduzir, portanto, onde o Senhor nos revela a sua compaixão pelo povo, pela nossa própria comunidade, para cada irmão ou irmã, pelas pessoas que frequentam nosso mosteiro, ou que deveriam ser acolhidas, como os migrantes de hoje. A nossa própria atividade nos deve conduzir, onde Deus nos comunica a Sua compaixão, e onde o próprio Deus nos torna sensíveis à miséria dos irmãos: "Eu vi a aflição de meu povo" (Ex 3,7). E é como se Deus dissesse: "Olha comigo a miséria do povo! Torna-te, comigo, sensível à verdadeira miséria dos irmãos! Entra na minha compaixão, torna-te instrumento desta, encarna-a e expressa-a com o ministério que te confio!".

A compaixão de Cristo

Jesus fez o mesmo. Ele também veio, fez-se visível, tornou visível a caridade misericordiosa de Deus, seu olhar compassivo que vê a miséria do povo, de todos, e quer envolver-nos na sua misericórdia, nós pastores em primeiro lugar.

É, então, interessante notar que no capítulo 15 de Lucas, a primeira parábola que Jesus narra, para justificar o seu acolhimento aos pecadores, isto é, a sua misericórdia, é aquela do Bom Pastor. A parábola do pai misericordioso de Lucas 15,11-32, certamente

vai ao coração do mistério, mas a primeira figura de misericórdia é aquela do Bom Pastor.

Meditêmo-la, portanto, juntos, para discernir os aspectos fundamentais da misericórdia, que nos pede a nossa vocação e missão de superiores das comunidades. Cada palavra usada por Lucas é significativa e vai lida com atenção.

"Então lhes propôs a seguinte parábola: Quem de vós que, tendo cem ovelhas e perdendo uma delas, não deixa as noventa e nove no deserto e vai em busca da que se perdeu, até encontrá-la? E depois de encontrá-la, a põe nos ombros, cheio de alegria, e, voltando para casa, reúne os amigos e vizinhos, dizendo-lhes: Alegrai-vos comigo, achei a minha ovelha que se havia perdido. Digo-vos que assim haverá maior alegria no céu por um só pecador que se converte do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento." (Lc 15,3-7)

Notamos, antes de tudo, que esta parábola é, no fundo, uma pergunta, uma pergunta que provoca diretamente os ouvintes. "Quem de vós que, tendo cem ovelhas e perdendo uma delas, não deixa as noventa e nove no deserto e vai em busca da que se perdeu, até encontrá-la?" (Lc 15,4). Jesus justifica a sua misericórdia fazendo-nos uma pergunta. Muitas parábolas e muitos ensinamentos de Jesus utilizam o mesmo método. Jesus ama responder interrogando, isto é, provocando uma pergunta dentro de nós, fazendo-nos procurar uma resposta que já está em nós, mas que não vemos, não temos consciência, ou não queremos ter. Jesus não gosta que façamos perguntas sem interrogar-nos, sem uma disponibilidade de pôr em questão nós mesmos. É este o problema dos escribas e fariseus: mesmo quando fazem perguntas, é apenas para pôr em questão os outros, para confundir os outros, para demolir as convicções dos outros, nunca as deles. Eles nunca estão dispostos de colocar-se em questão. Em vez disso, Jesus o faz, tem a autoridade para colocar-lhes em questão, de fazer-lhes perguntas que os obrigam a questionar-se, suas convicções, suas reações, seus julgamentos sobre os outros. Neste caso, os fariseus e os escribas nem tinham feito uma pergunta. Eles tinham "murmurado" sobre Jesus e expressado uma crítica, que era uma condenação: "Este homem acolhe os pecadores e come com eles" (Lc 15,2).

Quem de vós?

Jesus os provoca, então, muito diretamente: "Quem de vós...?". Literalmente: "Qual homem (Τίς ἄνθρωπος) dentre vós, tendo cem ovelhas...?"

Jesus não reage como eles. Em outras partes do Evangelho, será duro em descrever o comportamento hipócrita dos escribas e fariseus. Aqui, ao invés, oferece-lhes uma oportunidade de refletir sobre o comportamento de Jesus, refletindo sobre suas experiências, sobre a experiência de sua humanidade elementar, sobre aquilo que já vivem. É como se dissesse: "Mas também vós sejais como eu! Também em vós há uma humanidade e um senso de bondade como em mim". Jesus coloca em relevo uma positividade também nos escribas e fariseus, e gostaria far-la emergir, far-la tornar mais consciente e ativa, mais importante que as suas teorias e seus preceitos.

Em um certo sentido, para fazer-nos entender como é Deus, Jesus refere-se principalmente ao homem, ao coração do homem. Nos faz entender como a misericórdia

de Deus, já imprimiu a sua imagem e semelhança no coração humano. Qual ser humano, de fato, não andaria a procurar uma das suas cem ovelhas que se perdeu? É como quando Jesus diz em outro lugar: "Quem dentre vós dará uma pedra a seu filho, se este lhe pedir pão?" (Mt 7,9).

É importante compreender que o Evangelho, e em especial, o Evangelho da misericórdia de Deus, nos remete a um conhecimento mais profundo de nós mesmos, a uma consciência mais lúcida da nossa humanidade. Revelando-nos o Deus da misericórdia, Cristo revela o homem ao homem, torna-nos conscientes de nossa humanidade como imagem de Deus.

Isto é muito importante, também quando pensamos à formação que devemos garantir e favorecer pela nossa comunidade, ao ensinamento que um superior ou superiora devem oferecer aos seus irmãos ou irmãs. Não se trata tanto de preencher recipientes vazios, mas de adubar e regar as plantas, nos quais, Deus já colocou a sua imagem, a sua Palavra criadora, o Seu Espírito.

...se há cem ovelhas e perde uma...

Em nós, Deus colocou a imagem do seu amor que é sempre um amor pessoal. Mesmo se alguém tiver cem ovelhas, cada uma delas é importante. Se uma se perde, o pastor não se consola dizendo: "É apenas uma em cem, perco somente um centésimo dos meus bens, não é grave." Quem raciocina assim, não respeita a imagem da misericórdia de Deus que é impressa nele, não respeita a própria humanidade.

E no fundo, não respeita nem mesmo as 99 ovelhas que permanecem, porque significa que cada uma delas, não tem que um centésimo de amor do pastor, que nenhuma para ele, vale como única, como um todo.

Por isso, quando o pastor "deixa as noventa e nove no deserto" para ir em busca da única perdida, este "abandono" é, em fundo, uma oportunidade para todas as ovelhas, para todo o rebanho. Todas aprendem, assim, a qualidade do amor do pastor, e assim, como o pastor ama cada uma delas. Vêm que a se perder fosse uma delas, o pastor teria deixado as outras por ela.

Por isso, quando São Bento pede, na Regra, para ocupar-se sobretudo dos irmãos ou irmãs mais fracos e frágeis, irmãos, ou irmãs "doentes", ou talvez "rebeldes", ou "*fratres delicati*" que se falou tanto no Capítulo Geral, não é para ignorar os outros, mas na consciência que é assim que um superior se ocupa realmente de todos. O cuidado para com os mais fracos, para o mais difícil, cuida de todos, faz o bem a todos, faz crescer a todos.

Por isso, São Bento, admoesta, várias vezes, o abade a não privilegiar os melhores para não negligenciar os frágeis, porque isto se torna também uma tirania sobre aqueles que estão bem, isto é, não é um modo de amá-los realmente: "Reconhecerá, pois, ter recebido a cura das almas enfermas, e não a tirania sobre as sãs; tema a ameaça do profeta, através da qual Deus nos diz: 'o que vós gordo assumíeis e o que era fraco lançáveis fora!'" (RB 27,6-7; Ez 34,3-4).

O exercício da misericórdia tem sempre uma aparência de injustiça, porque é um amor que privilegia quem não merece. Deus ama mais, não tanto quem merece, mas quem há mais necessidade, quem é menos amado ou menos amável. Está aqui todo o problema dos fariseus contra Jesus. O convidavam também para seus almoços, mas Ele parecia encontrar-se mais confortável comendo com os publicanos e pecadores, que com eles. Eram eles os mais inteligentes, os mais instruídos nas Escrituras, o mais piedosos e observantes, mas Jesus preferia falar com os publicanos, ficar com eles, rezar com eles. Os fariseus o sentiam como uma injustiça. Se sentiam abandonados no deserto, punidos por serem fiéis, por não terem se perdido como os outros. Viam que quem tinha agido pior, era mais amado que eles, que quem se perdeu, era procurado com mais paixão que eles.

Não devemos ignorar ou subestimar os sentimentos das 99 ovelhas fiéis, porque Deus não nos chama, certamente, a amá-las menos do que aquela perdida. É importante que aprendemos da misericórdia de Deus, a amar a ovelha perdida, de modo tal que também as 99 cresçam na consciência de serem amadas assim, que Deus nos ama todos assim.

...deixa as noventa e nove no deserto...

As 99 ovelhas são deixadas "no deserto - ἐν τῇ ἐρήμῳ" (Lc 15,4). Impressiona-me este detalhe. Evidentemente, as pastagens da Palestina são as regiões desérticas, fora das cidades, o deserto de Judá. Mas creio que esta expressão, em si não necessária, é mencionada aqui porque tem um sentido também existencial, espiritual. Há um "deserto", uma solidão, que devemos saber assumir se quisermos crescer na consciência e na experiência da misericórdia de Deus. É uma experiência necessária à nossa maturidade espiritual, e ao crescimento espiritual e humano das nossas comunidades. Para participar da misericórdia de Deus, para permitir a Deus de ser misericordioso para com o mundo inteiro, nos é pedido de aceitar uma forma de abandono, misterioso, mas precioso. Penso, por exemplo à solidão e abandono interior que Madre Teresa de Calcutá experimentou por quase toda a sua vida. E isto por ser um instrumento privilegiado da caridade misericordiosa de Deus, da misericórdia de Deus, que vai em busca dos mais miseráveis entre os miseráveis, onde ninguém ia e vai procurá-los.

Mas qual experiência fazem, no fundo, as 99 ovelhas fiéis no deserto? Estão sozinhas porque o pastor foi procurar a ovelha perdida. Mas onde foi o pastor procurar a ovelha perdida? Foi para o deserto, adentrou no deserto, e portanto, na solidão. O pastor está realmente sozinho na sua busca pela ovelha. Elas estão juntas, são 99. O pastor, ao invés, está sozinho no deserto, onde espera encontrar a ovelha perdida. Às 99 ovelhas, foi pedido e concedido de participar, um pouco, da solidão do pastor, e portanto, do preço da misericórdia do pastor, daquilo que a misericórdia "custa" ao coração do pastor, ao coração de Deus. Não se é maturo, não se é verdadeiramente fiel, se não se aceita entrar em uma compaixão com o coração do pastor, em um "sofrer com" o coração misericordioso do pastor. Quando o pai da parábola do filho pródigo, sai a procurar o filho mais velho, pede-lhe de participar da sua alegria pelo retorno do irmão, mas, na verdade, aquilo que lhe pede e concede é de participar à sua misericórdia, e portanto, de fazer seu o coração do pai, de sentir, ele também, o sofrimento por ter perdido o irmão. Se o irmão mais velho não aceita compartilhar a dor do pai pela perda e

"morte" do irmão, se não se com-padece com o pai, não pode entrar na sua alegria pela salvação do irmão, e nem mesmo na sua própria alegria, aquela de ter sempre compartilhado tudo com o pai (cfr. Lc 15,31).

Uma comunidade que não cresce nisto, não é uma comunidade, não é fraterna, não é uma comunidade reunida no amor de Cristo. Devemos interrogar-nos se realmente educamos as nossas comunidades, a ter compaixão conosco, das misérias dos irmãos ou irmãs mais frágeis, física, moral e espiritualmente.

A vocação monástica procura o deserto, de um modo ou de outro; mas se o deserto que procuramos não tem esta dimensão de compaixão, com o coração do bom Pastor, que vai à procura da ovelha perdida, não é um deserto cristão, é um deserto estéril.

...vai em busca da que se perdeu, até encontrá-la...

O bom pastor deixa, portanto, as 99 ovelhas no deserto, e "vai em busca da que se perdeu, até encontrá-la" (Lc 15,4).

Procurar quem está perdido: é a grande obra de misericórdia, porque é a grande obra de Cristo, a grande missão do Filho de Deus, a obra de Salvação que Cristo assumiu até a sua morte na Cruz. Basta pensar à conclusão do episódio do encontro de Jesus e Zaqueu, o publicano: "O Filho do homem veio buscar e salvar o que estava perdido" (Lc 19,10).

A Igreja existe para esta missão, para encarnar esta missão de misericórdia, e o Papa Francisco não perde a ocasião "oportuna e não oportuna" (2 Tim 4,2), diria São Paulo, para lembrar-nos.

O que significa para nós "buscar quem se perdeu"? Muitas vezes, somos mais parecidos, com o pai da terceira parábola de Lucas 15, no sentido que preferimos esperar que os filhos perdidos voltem para casa sozinhos, e nos sentimos misericordiosos porque os acolhemos. Mas Jesus nos pede para partir e procurá-los. E sabemos bem, que muitas ovelhas perdidas, estão no mosteiro. Fisicamente não estão longe, mas interiormente, com o coração ou com a mente, ou moralmente, foram "embora", estão ausentes, distantes, perdidas. As procuramos? E como as procuramos?

Esta parábola não entra nos detalhes desta busca. Diz, somente, que é uma busca que não desiste: "até encontrá-la". Já este detalhe é importante. A busca dos irmãos ou irmãs perdidos, não tem paz, se não em encontrá-los. Não é uma busca que coloca condições de tempo. Termina apenas quando localiza, encontra e abraça a ovelha perdida. Sabemos que existem irmãos e irmãs na comunidade, que temos que buscar por anos, talvez durante todo o tempo do nosso ministério como superior, ou até a sua morte. Muitas vezes, estas ovelhas perdidas somente as encontramos, um pouco antes de sua morte. Vale a pena? Faz sentido? Sim, porque toda esta busca, todo este vagar pelo deserto procurando encontrá-los, salvá-los, todo este tempo é o tempo da misericórdia de Deus, é o tempo em que age a misericórdia do bom Pastor, e não somente sobre eles, mas sobre nós mesmos e sobre a comunidade, e talvez sobre toda a Igreja e o mundo. É todo tempo, são todas energias gastas para preparar a alegria do Reino, a deles e a nossa, a alegria de toda a comunidade, a alegria que será plena e total apenas "no Céu" (Lc 15,7), "diante dos anjos de Deus" (Lc 15,10).

É realmente importante que tenhamos esta consciência: que a vida despendida a procurar a ovelha perdida, é para nós uma plenitude de vida, porque é assim que o nosso ministério adere ao mistério de Cristo, ao mistério da misericórdia de Deus em Cristo. Quando pensamos que o nosso dever é fecundo somente se tudo vai bem, se temos sucesso, se não temos ovelhas perdidas para procurar, significa que não vivemos a nossa missão "fazendo as vezes de Cristo" (RB 2,2), tendo somente Ele como modelo e programa de vida. E nos sentimos sempre frustrados, porque, querendo ou não, de ovelhas perdidas para procurar, teremos sempre. Nos manda o Senhor. As vezes, somos tentados de nos livrar delas, de "levá-las ao matadouro", ao invés de casa. Isto também acontece. Mas nunca é um sinal de fecundidade cristã para uma comunidade. Porque no fundo, a parábola nos faz entender que as ovelhas perdidas, que procuramos e trazemos de volta para casa, são o segredo da alegria maior.

...e depois de encontrá-la, a põe nos ombros, cheio de alegria...

Existem dois momentos de alegria neste Evangelho. O primeiro é quando o pastor encontra a ovelha. Em seguida, haverá a alegria compartilhada, a festa com todos.

É esta a alegria cristã: uma alegria do coração e uma alegria compartilhada. Como a alegria da Virgem Maria: "Alegra-te! - Χαίρε!" (Lc 1,28), a diz o anjo na Anunciação, e imediatamente Maria vai a compartilhá-la com Isabel. Na parábola do bom Pastor, é o mesmo termo que volta: χαίρων (Lc 15,5), Συγχαρήτε (15,6).

Alegria recebida e alegria dada. Alegria de Deus, porque alegria de amar. Alguém me dá e eu dou aos outros. E Cristo nos revela que esta é a alegria do Céu: "Digo-vos, portanto, haverá alegria no céu por um só pecador que se converte" (Lc 15,7). É a mesma dinâmica da alegria do pastor: um pecador que se converte dá alegria a Deus, e Deus a comunica ao Céu inteiro, aos seus "amigos e vizinhos", que são os anjos (cfr. Lc 15,10).

Notamos, porém, que quem compartilha por primeiro a alegria do pastor é a ovelha reencontrada. O pastor não a reprova, não a pune, não lhe dá uma lição. A sua alegria é muito grande para isto. E o que se faz quando se reencontra uma pessoa querida? Se abraça. O pastor não coloca as algemas nas ovelhas como um ladrão pego, não coloca uma coleira em volta do pescoço, para que não fuja novamente. A coloca em seus ombros. A abraça, a ergue e a leva consigo. São Bento deve ter meditado muito, e de bom grado, esta imagem porque no capítulo 27 da Regra, nos repropõe dizendo que Jesus coloca a ovelha "em seus ombros sagrados – *in sacris humeris suis*" (RB 27,9).

"A põe nos ombros, cheio de alegria". O tomar sobre si o peso da ovelha, tem toda a energia da alegria de tê-la reencontrada. A alegria que dá energia ao amor, à paciência e à misericórdia. Notemos que o reencontro da ovelha não significa descanso para o pastor, pelo contrário! Nunca carreguei uma ovelha em meus ombros, mas me informei, e soube que uma ovelha adulta pode pesar entre 45 e 100 kgs! Isto é, pesa tanto quanto uma pessoa humana. Nosso pastor refaz, portanto, todos os quilômetros percorridos sozinho, para encontrá-la, com o peso da ovelha em seus ombros. Neste curso, teremos uma meditação sobre a paciência, mas podemos já assumir que a misericórdia comporta um "carregar" o outro, o outro exausto, ferido, assustado. Não importa se é por culpa sua que está assim. A misericórdia assume em si as consequências da perda do irmão, da

irmã. Mas, com alegria, com uma força de amor que é a força necessária, e que Deus nos dá, para trazer para casa o irmão perdido.

Levar sobre os ombros, é um gesto mais paterno que materno. Não se trata de "bajular" o irmão ou irmã, mas de oferecer a nossa pessoa como suporte da miséria e fragilidade do outro, para fazer um caminho juntos. O bom pastor não carrega a ovelha para afagá-la, mas para fazer um caminho, para permitir que volte para casa, para o rebanho, a comunidade, apesar da culpa e da miséria que a afastou.

...e voltando para casa, reúne os amigos e vizinhos...

O nosso bom pastor é realmente incansável! Deveria estar cansado de ter vagado a procurar a ovelha, e de tê-la trazido em seus ombros, quem sabe por quantos quilômetros. A casa deveria ser o lugar de seu descanso, para ficar sozinho, em paz, dormir. Ao invés, nem tinha entrado em casa, e já chama amigos e vizinhos para comunicar a todos a sua alegria: "Alegrai-vos comigo" (Lc 15,6).

A alegria da misericórdia, como dizia, é sempre compartilhada, é para todos. Nunca é alegria privada, porque a alegria privada é alegria sufocada, não é mais alegria. Nem se acende uma luz para colocá-la debaixo do alqueire, diz Jesus (cfr. Mt 5,15).

A alegria que chama, que convoca os outros, é "Evangelho", no sentido literal do termo: é "uma boa notícia", anúncio feliz. A ovelha está salva! É a alegria de Cristo crucificado e ressuscitado: toda a humanidade está salva! E é este Evangelho que somos convidados a compartilhar com quem está próximo, próximo no conhecimento e no carinho, isto é, os amigos, ou próximo, simplesmente, porque vive ou se encontra perto de nós. Toda relação humana, pessoal, nos foi dada para compartilhar a alegria da misericórdia que salva. E a "casa", o que para nós é o mosteiro, como para outros a família, ou outros ambientes da vida quotidiana, nos foi dada para isto; a comunidade nos foi dada para isto.

A misericórdia do Bom Pastor é evangelização; faz coincidir a evangelização com a nossa pessoa; faz coincidir a evangelização do mundo, com a história da nossa comunidade, com a atenção quotidiana com os nossos irmãos ou irmãs. Ser pastores é a evangelização sempre nova, que nos foi pedida por Cristo, em Cristo, para colaborar com Ele à redenção do mundo.